

Disciplina:	Pesquisa em Psicanálise e Sociedade: O inconsciente de Freud a Lacan
Professor:	Raul Albino Pacheco Filho
Nível:	Mestrado/Doutorado
Créditos:	03
Tipo:	Seminário de Pesquisa – Tipo III
Semestre:	1º de 2015
Horário:	6ª feiras – 9:30/12:30

EMENTA

Na aula de 22 de janeiro de 1964 do Seminário “Os quatro conceitos fundamentais da Psicanálise”, encontramos a afirmação de Lacan de que é a estrutura da linguagem - “o jogo combinatório operando em sua espontaneidade, sozinho, de maneira pré-subjetiva – é esta estrutura que dá seu estatuto ao inconsciente.” (p. 26) Afirmação, esta, que parece reafirmar toda a formalização de seu ensino até essa ocasião, sempre referida como “retorno a Freud”. Não deixa de ser digno de nota, portanto, que, no estabelecimento do Seminário 11 para publicação, esta aula tenha sido intitulada “O inconsciente freudiano e o nosso”. Da mesma maneira, também chama a atenção o pronunciamento que segue:

É ela [a referida estrutura], em cada caso, que nos garante que há, sob o termo de inconsciente, algo de qualificável, de acessível, de objetivável. Quando incito os psicanalistas a não mais ignorarem este terreno, que lhes dá um apoio sólido para sua elaboração, quer isto dizer que eu penso manter os conceitos introduzidos historicamente por Freud sob o termo inconsciente? Muito bem, não!, eu não penso assim. O inconsciente, conceito freudiano, é outra coisa, que eu gostaria de tentar fazer vocês apreenderem hoje. (*Id.*)

E a justificativa para essa retomada do conceito de inconsciente pode ser encontrada no que Lacan tinha escrito no quadro-negro, nesse dia, onde as palavras *O inconsciente* e *A repetição* eram seguidas por flechinhas que visavam um ponto de interrogação; o que indicava, como ele mesmo propôs na ocasião, que a sua aproximação do conceito implicava que este sempre era estabelecido numa “aproximação”. Aproximação relacionada ao “cálculo infinitesimal”, “como forma”, na medida em que, se o conceito se modela por uma aproximação da realidade que ele foi feito para apreender, “só por um salto, por uma passagem ao limite, é que ele chega a se realizar.” (*Ibid.*, p. 25).

Deixemos apontado, apenas para reavivar a lembrança, que é neste seminário que Lacan traz sua conceituação do objeto causa do desejo, por ele apresentada como invenção de sua própria lavra.

Mas vamos dar um salto de mais de dez anos, para prestarmos atenção ao que Lacan fala a respeito do inconsciente, na medida em que fez progredir sua obra. Tomemos, por exemplo, suas palavras em “Préface à l’ouvrage de Robert Geogin, Cahiers Cistre, 1977, Paris, l’Age d’homme:

O inconsciente ainda resta como o coração do ser para alguns. E outros acreditarão me seguir, ao tomá-lo como o outro da realidade. O único modo de sair disto é propor que ele é o real, o que não quer dizer nenhuma realidade: o

real enquanto o impossível de dizer; ou seja, na medida em que o real é, muito simplesmente, o impossível. (p.4).¹

Afinal: o inconsciente é real ou é simbólico? Faria algum sentido dizer que ele tem algo a ver com ambos os registros? E teria Lacan “reinventado” o inconsciente, como parece propor Colette Soler no título do seu livro “Lacan, o inconsciente reinventado”?

Nosso objetivo nesta disciplina é abordar as trajetórias freudiana e lacaniana a respeito da noção de inconsciente, interrogando quais eram as visadas que orientavam seus percursos e que coincidências e diferenças (porventura existentes) podem ser encontradas em suas elaborações sobre este conceito *princeps* da Psicanálise.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

LACAN, JACQUES (1964/1988) *Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise. O Seminário: Livro 11*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1988.

LACAN, JACQUES (1966/1988) *Escritos*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1998.

SOLER, COLETTE (2007-2008/2012) *O inconsciente: Que é isso?* São Paulo, Annablume, 2012.

SOLER, COLETTE (2009/2012) *Lacan, o inconsciente reinventado*. Rio de Janeiro, Cia de Freud, 2012.

QUINET, ANTONIO (2000) *A descoberta do inconsciente: do desejo ao sintoma*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 2000.

¹ L'inconscient reste le cœur de l'être pour les uns, et d'autres croiront me suivre à en faire l'autre de la réalité. La seule façon de s'en sortir, c'est de poser qu'il est le réel, ce qui ne veut dire aucune réalité, le réel en tant qu'impossible à dire, c'est-à-dire en tant que (15)le réel c'est l'impossible, tout simplement.